

A PRODUÇÃO E COMPREENSÃO LEITORA DAS MENSAGENS ESCRITAS NA COMUNICAÇÃO DE SURDOS USUÁRIOS DE LIBRAS NO *FACEBOOK*: ERROS DE COESÃO OU "VARIANTE SURDA"?

La producción textual y la comprensión lectora de los mensajes escritos en la comunicación de los sordos usuarios de la Libras, en la red social Facebook: errores de cohesión o "variante sorda"?

Ronaldo Gonçalves de Oliveira³⁷
Francisco Romão Ferreira³⁸
Shirley Donizete Prado³⁹

RESUMO EM LIBRAS⁴⁰



³⁷ Doutorando do PPGANS/ UERJ. Professor do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). E-mail: ronaldo9078@gmail.com

³⁸ Doutor, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Professor, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: chico.romao@yahoo.com.br

³⁹ Doutora em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora, Universidade do Estado do Rio de Janeiro PPGANS/UERJ.

E-mail: shirley.donizete.prado@gmail.com

⁴⁰ Leia o resumo em LIBRAS acessando o canal da REVISTA FORUM no *YouTube* pelo QR Code acima ou no link: https://www.youtube.com/watch?v=0i28acK4I90&index=7&list=PL_aj1ISwgV8At-P8_2bLR28mKk-HyGRz6

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo verter um olhar diferenciado às postagens codificadas e decodificadas por surdos sinalizadores na rede social *Facebook*, considerando a possibilidade de existência de uma variante linguística naturalmente construída a partir do movimento antropossocial da comunicação. Trata-se de uma investigação qualitativa, que se propõe à discussão do tema. Entende-se neste estudo o espaço das redes sociais como espaço de normatividade linguística relativa e vê-se o surdo sinalizador, nesses espaços, livre para efetivar o processo de comunicação, via língua escrita, com relativa isenção da vigilância da variante normativa da língua portuguesa. Apresentam-se duas postagens realizadas por surdos sinalizadores no *Facebook*, bem como as interações ocorridas a partir de suas publicações. Usam-se ditas postagens para exemplificação da proposição realizada no estudo: há uma variante linguística própria da interação comunicativa escrita em língua portuguesa entre surdos sinalizadores nas redes sociais.

Palavras-chave: Surdo Sinalizador. Redes Sociais. Interação Comunicativa. Variante surda Escrita

RESUMEN

En este artículo se pretende aportar una mirada diferente a los mensajes codificados y decodificados por los sordos signantes en la red social Facebook, teniendo en cuenta la posibilidad de una variante lingüística, naturalmente, construida a partir del movimiento antropossocial de la comunicación. Se trata de una investigación cualitativa, que propone el tema de la discusión. Se entiende en este estudio el espacio de las redes sociales como espacio de normatividad lingüística relativa y se ve al sordo signante, en esos espacios, libre para llevar a cabo el proceso de la comunicación a través del lenguaje escrito, sin la vigilancia de la variante normativa de la lengua portuguesa. Se presenta dos posts redigidos por sordos signantes en Facebook, así como las interacciones que se producen a partir de ellos. Se utilizan a dichos posts como ejemplificación de la propuesta hecha en el estudio: hay una variante lingüística propia de la interacción comunicativa escrita en lengua portuguesa entre los sordos signantes en las redes sociales.

Palabras clave: Sordo Signante. Redes Sociales. Interacción Comunicativa. Variante sorda Escritura

INTRODUÇÃO

Os dados estatísticos relacionados ao surdo brasileiro, divulgados pelo IBGE, por ocasião do Censo 2010, considerando a população brasileira de 204.431.506 habitantes, apontam para o seguinte número: 2.087.066 surdos estão excluídos do sistema escolar regular. Do total de pessoas surdas, classificadas na categoria *Grande dificuldade*, 164.597 estão no Rio de Janeiro, onde se localiza um centro de referência na área da surdez, o Instituto Nacional de Educação de Surdos, o INES, que matricula em seu Colégio de Aplicação, cerca de 600 alunos, adotando a Educação de Surdos, modalidade da Educação Especial, sob a orientação linguístico-pedagógica do Bilinguismo⁴¹. Os alunos são divididos em três turnos (manhã, tarde e noite) e distribuídos por séries (anos) dos Ensinos Fundamental e Médio. Considerando esse número, observa-se que a maioria dos surdos fluminenses não participa do processo de escolarização.

A situação apresentada acima traz à baila a discussão de inúmeras necessidades para que efetivamente se estabeleça um processo real de inclusão, que atenda às questões qualitativa e quantitativa na complexidade do indivíduo surdo e a sua escolarização.

O Brasil vem caminhando a passos lentos nesse sentido, entretanto, uma conquista de peso das comunidades surdas brasileiras é a legitimidade da Libras, Língua Brasileira de Sinais, com a promulgação da Lei 10.436/02. A partir dessa conquista, é possível

⁴¹ Resumidamente, trata-se de modalidade pedagógica da Educação de Surdos que prevê o ensino de duas línguas, com a devida hierarquia, considerando a língua brasileira de sinais, como língua natural em todos os casos de pessoa surda brasileira e como língua materna para os surdos filhos de pais surdos sinalizadores brasileiros. Para este caso, classificamos a língua brasileira de sinais como convergente, posto que a aptidão para a aquisição converge com a temporalidade dessa aquisição. A língua portuguesa, em sua modalidade escrita, classifica-se como segunda língua, pelo distanciamento do conceito que atribuímos às línguas naturais e por sua consequente fase secundária no processo de aquisição.

perceber a mudança de paradigma no estigma da surdez, que passa a ser vista a partir de outras perspectivas, que não a da patologia.

O indivíduo surdo tem que ser considerado como sujeito detentor de saberes, construções e identidades que o fazem um indivíduo complexo e não deficiente. Nessa perspectiva, o surdo possui as identidades, a língua sinalizada, a história, as tradições, os valores e traços culturais, enfim, todo arcabouço que faz dele um povo, uma nação. (SKLIAR, 1999).

Dentre as tantas complexidades na temática da surdez, a Lei da Libras estabelece que a língua de sinais brasileira é a língua das comunidades de surdos brasileiros, porém, garante que nenhum registro linguístico substituirá a língua portuguesa como língua oficial do Brasil. Nessa perspectiva, a Libras, que não apresenta registro escrito, dada a sua constituição visual-motora, conta com o registro escrito da língua portuguesa, como ferramenta para a comunicação no âmbito da língua escrita.

A dificuldade na conquista da proficiência do registro escrito da língua portuguesa é uma constante no cotidiano escolar da pessoa surda sinalizadora. Como se trata de um movimento relativamente recente – a lei 10.436 só foi publicada em 2002 –, as pesquisas relacionadas à comunicação do surdo, bem como à sua inserção social pelas estratégias comunicacionais, tateiam em todos os níveis. Acredita-se que somente uma iniciativa dialógica, interdisciplinar, poderá dar conta de questão tão complexa. Somente a intercomunicação entre as ciências poderá situar o indivíduo surdo com maior segurança no espaço simbólico-discursivo e vê-lo em ações reais ligadas à sua cultura. Segundo Charaudeau (1983), a significação discursiva é uma resultante de um componente linguístico e um componente situacional. O componente situacional está ligado a um contrato de comunicação firmado entre os participantes da cena enunciativa. Por isso, constata-se a necessidade de que as diversas disciplinas científicas se comuniquem: a Linguística, a

Filosofia, a Pedagogia e a Sociologia devem guiar as discussões acerca das dimensões de linguagem e educação da pessoa surda.

Embora seja bastante perceptível a dificuldade da pessoa surda em relação ao registro escrito da língua portuguesa – afirmação que parte de nossa vivência como professores de surdos na disciplina de Português – não é raro observar em espaços isentos de normatividade, como as redes sociais, por exemplo, surdos se comunicando, com plena interação, sem a presença de ruídos sintático-semânticos, que normalmente interferem nas comunicações de surdos e ouvintes. Nas interações entre surdos sinalizadores, a comunicação flui, independentemente, das “distorções” sintático-semânticas que possam ser percebidas. Mais adiante, exemplificaremos essa fluidez no processo de leitura das mensagens postadas.

Este estudo pretende analisar a interação comunicativa, promovida na rede social *Facebook*, a partir das postagens escritas e respondidas por surdos sinalizadores. Percebe-se certa fluidez na compreensão – tanto para postar como para ler – dessas mensagens, embora sejam registradas num código diferente do que se espera para a escrita da língua portuguesa. A sintaxe do português é alterada ao sabor da construção do pensamento, atendendo à estrutura dada à língua brasileira de sinais pelo indivíduo surdo. Se tomarmos por base a lógica coesiva da língua portuguesa, é forçoso inferir que se trata de uma pessoa alfabetizada, mas não letrada. O processo de letramento para a aquisição da organização linguística do português e a conseqüente produção de sentido são comprometidos a partir de organizações textuais muito diferenciadas das que um falante de português como língua natural organizaria. Entretanto, questionamos neste estudo o conceito de letramento. Propomos, sob a perspectiva da diferença entre surdos e ouvintes, a ampliação desse conceito.

É possível perceber que há um estranhamento que ocorre a partir da perspectiva do ouvinte que, provavelmente, não consegue estabelecer relações sintático-semânticas para a produção do sentido na escrita elaborada pelo surdo. Porém, as mensagens tomam

outras dimensões se os atores da cena comunicativa são surdos sinalizadores. Nas postagens, veem-se respostas naturalmente dialógicas de indivíduos surdos, que, em princípio, não se afetam pela “desorganização” do texto na produção do discurso; pelo contrário, agem tão naturalmente na interação comunicativa que não se sabe se estão se dando conta dessa “desorganização” ou se estão reorganizando a partir de outra lógica cognitiva.

Parece relevante que se direcionem as atenções a essas estruturas linguísticas exibidas nas redes sociais, por algumas razões, dentre elas, destacamos duas:

1. As redes sociais são espaços livres da normatividade linguística disseminada pela escola. O indivíduo se sente à vontade para trocar com seus pares. É um espaço social de interação sociolinguística em que não há crivos, pelo menos os coercitivos, da ordem da normatização da linguagem.
2. Possível que, a partir da ferramenta língua escrita, o surdo sinalizador construa frases e textos legíveis e inteligíveis para uma compreensão interna em seu grupo cultural, impregnados da sintaxe da língua de sinais, que, por sua vez, mantém uma organização, completamente diferenciada, com relação à língua escrita.

Utilizar-se-á o método da análise do discurso para a compreensão das estruturas frasais exibidas nas postagens públicas dos surdos no *Facebook*. A seleção do *corpus* foi aleatória e delimitada a duas postagens completas, com interação de diferentes pessoas surdas. Pensa-se que, embora duas postagens não representem um número significativo do ponto de vista quantitativo, o objetivo deste estudo é apontar para possibilidades existentes num campo cujos objetos estão ainda por explorar. Assim, é justificável que se escolham aleatoriamente as postagens que serão analisadas, bem como a delimitação a que se pretenda proceder, pela via de uma abordagem qualitativa, descompromissada com as questões estatísticas, próprias de um estudo quantitativo.

Na primeira parte, enfatizar-se-á a aquisição do português como segunda língua, considerando o objeto de estudo desta análise. Uma segunda parte apresentará tabelas com os recortes do *corpus*, bem como os textos analíticos que deverão seguir às respectivas tabelas. Finalmente, a última parte se comporá das considerações finais e dos indicadores apontados pela pesquisa, no intuito de que se vertam novos olhares para questões, hoje, pouco estudadas.

A COMPLEXIDADE LINGUÍSTICA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA AO SURDO SINALIZADOR

A pessoa surda, embora viva imersa numa sociedade cujos indivíduos vivem e compartilham a cultura majoritária estabelecida, torna-se marginal a partir da falta de compreensão do culturalmente estabelecido. O surdo é um ser bilíngue-bicultural. Bilíngue porque, teoricamente, se comunica pela língua natural, língua de sinais, e pelo registro escrito da língua portuguesa (referimo-nos a surdos sinalizadores). Bicultural, porque compartilha a cultura dos ouvintes pela língua portuguesa e a cultura surda, pela língua de sinais e pelos movimentos e associações de surdos brasileiros. Entretanto, esse bilinguismo permanece ainda no campo da teoria, muito incipiente, pois o fato de um indivíduo ser alfabetizado, ou seja, aprender a juntar letras e formar palavras, não significa que seja um indivíduo letrado, ou melhor, proficiente em determinada língua.

A complexidade linguística vivida pela pessoa surda deve ser considerada ao analisarem-se as relações socioculturais desenvolvidas por essa pessoa. O surdo, com todas as questões linguístico-identitário-culturais ainda por resolver, é passível de viver situações graves de exclusão social, já que a impossibilidade do elemento desencadeador das trocas languageiras, a língua, produtora de subjetividade e de compartilhamento cultural, está ausente. Dessa maneira, o processo de exclusão social não se dá apenas pela

privação da frequência a determinados espaços sociais, mas, acima de tudo, pela constatação do próprio sujeito de que aquele espaço não lhe pertence; é o não pertencimento, talvez a forma mais grave da exclusão, posto que compromete a autossignificação do sujeito em sua relação com o outro e com a sociedade em que se insere. Todo esse processo acarreta comprometimentos psicossociais que limitam esse indivíduo surdo e o conduzem à autoexclusão simbólica, pela ausência das vivências culturais compartilhadas. Então, este estudo justifica-se pela importância de que se façam intervenções na realidade, lançando-se novos olhares a essa problemática e propondo-se novos paradigmas que alterem ou ajustem os que vigem atualmente.

É objetivo deste estudo analisar a produção e compreensão leitora por surdos sinalizadores no *Facebook*, para entender a possibilidade de interação confortável entre surdos, a partir de registros escritos da língua portuguesa que alteram as relações sintático-semânticas dessa língua. Temos três pontos estabelecidos como norteadores desta investigação:

1. Compreender o universo simbólico do jovem surdo, a partir de suas práticas sociais externadas pelas interações comunicativas praticadas na rede social *Facebook*;
2. Considerar a relação entre sujeito, língua, identidade e comunicação, visando ao fomento de investigações que se debrucem sobre a comunicação pela língua escrita, em espaço não vigiado pela normatividade linguística;
3. Analisar a composição e compreensão do texto livre produzido por surdos nas redes sociais, pretendendo novas perspectivas nos espaços de troca linguageira.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A base teórica deste estudo centra-se em alguns teóricos de campos distintos do saber: Bakhtin, no campo da linguagem e Vigotsky, no campo da psicologia cognitiva, mais especificamente na aquisição de linguagem. Este contribui com esta análise, norteando-a sob a perspectiva do conceito de fala interior, desenvolvido em suas pesquisas de aquisição da linguagem com crianças. Contribui ainda com o conceito de vias superiores, mostrado em seu *Fundamentos da Defectologia* (1983). Aquele contribui com as reflexões sobre o desenvolvimento da linguagem na elaboração do discurso, com a consideração do outro no processo dialógico. Tal conceito de dialogismo traz a essa análise a possibilidade de que se compreenda a interação entre os interlocutores, levando-se em conta os sujeitos envolvidos e o discurso elaborado.

Ainda uma teoria de base para o desenvolvimento deste artigo é o conceito de contrato, mostrado por Charaudeau (1983), que deve nortear as percepções da análise, pois é através desse contrato que se confirmam ou se negam expectativas no processo comunicacional. Os embates e dificuldades vividas pela pessoa surda serão analisados a partir dessas expectativas: suas confirmações ou negações, segundo o conceito em questão.

Traremos à discussão os conceitos de Análise do Discurso, organizados por Orlandi (2012), que vê o indivíduo como um sujeito afetado por sentidos sociais, políticos, históricos e psicológicos intrínsecos às formas de comunicação. Para Orlandi, ao se comunicar, o sujeito constitui um sentido e constitui-se a si próprio, em um processo de formação da identidade na relação com a língua, formadora da cultura compartilhada. Para tanto, necessário se faz compreender como as trocas linguageiras acontecem nos espaços das redes sociais.

Faz-se importante, ainda, perceber a imagem construída nas trocas analisadas, a partir da noção de *ethos* discursivo e pré-discursivo trazida por Maingueneau (1989) e revista por Amossy (2005). Quando o surdo, de alguma maneira, tenta estabelecer o contato através de um

código qualquer que lhe pareça viável ao momento, compõe o seu real *ethos* (imagem) a partir de seu discurso; quebra-se, então, o *ethos* pré-construído por seus interlocutores. O *ethos*, ressignificado por Main-gueneau, a partir da Retórica aristotélica, interessa-nos como compreensão às diversas formações de imagens que se constroem, se reconstróem ou se destroem nas cenas enunciativas.

Parece-nos importante um aporte trazido por Jouve (2001), sob o processo de leitura. Quais os mecanismos imbricados nesse processo? O que deve ser considerado para que se estabeleça uma relação de sentidos num espaço comunicacional livre, como é o *Facebook*? Os interlocutores se constituem como agentes num processo dialógico pelo sentido linguístico ou por um processo social? Assim, a contribuição do entendimento do processo da leitura auxilia a compreensão dessas relações entre surdos pela língua escrita em espaço de rede social.

A LEITURA

A proposta nesta parte do artigo é refletir sobre a leitura e seus respectivos processos, bem como as teorias que se propõem a dar conta de como se dão os mecanismos do processo de leitura. Para Jouve (2002), a análise do processo de leitura deve considerar um olhar interdisciplinar – Linguística e Psicanálise – posto que essas ciências dialogam na construção das estratégias de recepção.

Jouve (2002) acredita que seja infrutífera uma abordagem estruturalista da leitura, pois a sua impossibilidade de dar conta da complexidade do processo, haja vista que dita abordagem desconsidera a figura do leitor com todos os seus processos ligados à recepção, centra-se exatamente nessa desconsideração do leitor como parte integrante do processo de ler. É preciso que se considerem as suas relações, deflagradas a partir da interação leitor-texto.

Para Gilles Thérien (1990 *Apud* JOUVE, 2002, p.17), a leitura é um processo com cinco dimensões: neurofisiológica, que apon-

ta para questões ligadas ao biológico; cognitiva, ligada à compreensão, à produção de sentido, às relações sócio-históricas; afetiva, ligada ao envolvimento emocional com o que se lê, a uma vulnerabilidade emocional-afetiva; argumentativa, ligada à organização do texto que pretende, propositalmente, agir sobre o leitor; simbólica, ligada àquilo que se representa a partir do que se lê, às relações cujo símbolo é deflagrado pelo mecanismo da cognição.

Para a pessoa surda, essas teorias se complexificam à medida que a sua relação com a leitura está intrinsecamente ligada ao seu processo de cognição e aquisição de língua. Muitos estudos sobre o processo de leitura do surdo já foram realizados. Esses estudos, quase em sua totalidade, apontam para iniciativas de insucesso e, logicamente, todos têm justificativas para esses insucessos. Evans (1987, *apud* ALMEIDA, 1998) aponta para uma necessidade também vista em Vigotsky (2008) que diz respeito à fase humana em que a criança surda adquire a língua de sinais. Tal aquisição teria a ver com o desenvolvimento das funções cognitivas, o que, se desenvolvidas a contento, instrumentalizaria a pessoa surda para várias habilidades e competências em sua vida cotidiana, por exemplo, ler numa segunda língua.

Para Evans (1987 *apud* ALMEIDA, 1998), a criança surda deve ser exposta o quanto antes à língua de sinais. Deve ser estimulada na fase da primeira infância, a fase de movimentos da criança, fase dos gestos. Nesse momento, deve ser apresentada a língua de sinais, para que a relação das coisas com os respectivos sinais comece a ser construída. Segundo Evans (1987 *apud* ALMEIDA, 1998), a criança é capaz de entender os arranjos das palavras escritas quando se utiliza o potencial visual dessas palavras, unindo-se essa visualidade à construção dos sinais. O resultado desse processo seria a formação de leitores surdos mais proficientes, posto que teriam maior domínio do código linguístico e o acesso a este através da imagem. Evans aponta os passos do desenvolvimento de um trabalho baseado nessa perspectiva de acesso à palavra escrita, pela estimulação precoce e pela utilização imagética: 1) Apresenta-

ção de uma figura impressa; 2) Apresentação do sinal referente à figura mostrada; 3) A esses dois itens anteriores é acrescentada a soletração digital de sinais utilizados; 4) Por último, acrescenta-se a língua escrita e, logo após, retira-se um a um os elementos do primeiro, segundo e terceiro passos, ficando apenas a língua escrita. Este trabalho assemelha-se bastante aos métodos estruturais de ensino de língua estrangeira: primeiro o aluno vê a imagem, depois a significa pelo som, ou seja, o seu referente sonoro, a palavra falada, e, somente ao fim do processo, tem acesso à grafia dessa palavra. Entretanto, não podemos deixar de observar que a Língua Portuguesa para o surdo, embora seja classificada como L2, não pode ser posta no rol das línguas estrangeiras, posto que a exposição do surdo a ela é constante e, ao mesmo tempo, seja por aspectos legais, geográficos ou simbólicos, é ela quem lhe pode prover a noção de pertencimento e de inclusão.

Para Jouve (2002), os sujeitos se compõem e se recompõem a partir da experiência da leitura. Leituras podem influenciar ou divertir. Leitores podem formar opiniões, refazer verdades ou, simplesmente, gozar do prazer de participar das narrativas que leem. Podem confirmar-se ou redescobrir-se na leitura pelo processo de participação ativa a partir de suas questões culturais e identitárias. É forçoso reconhecer o processo de exclusão da pessoa surda nesse contexto de leitura em que as identidades se constroem, se destroem e se reconstroem. O surdo está marginalizado pela pouca proficiência na sua língua de acesso pelo registro escrito.

No processo da leitura, é preciso que consideremos as dimensões do texto. Usando a nomenclatura apresentada por Hamon (1979, *apud* JOUVE, 2002), os textos podem ser legíveis e ilegíveis, se pensamos nos papéis estabelecidos nesse processo dialógico da leitura. Os hiatos deixados pelo narrador oferecem aos diversos tipos de leitor a possibilidade da interação – nessa dimensão se inscreve necessariamente o leitor – assim, pode-se afirmar que todo texto está composto de dois universos: o legível e ilegível

(JOUVE, 2002). Nesse sentido, o leitor contribui com a obra, pois ocupa o espaço deixado para ele e constrói os sentidos faltantes ao texto, o que o completa, tornando-o passível de várias interpretações. Esse papel deixado ao leitor é fundamental na completude de qualquer texto. Assim, o texto configura-se como uma entidade insuficiente em si mesmo. A dimensão ligada ao inacabado implica a participação ativa do leitor, do destinatário, que, por constituir-se em grupos identitário-culturais e ideológicos distintos, faz nascer textos tão diversos quanto a quantidade desses grupos. Relacionando essa teoria ao processo de construção da leitura na pessoa surda, a dimensão ligada ao leitor, no sentido de que complemente a lacuna a ele reservada para a completude do texto, não se concretiza de forma satisfatória, segundo as questões socioculturais em que se encontra inserido o surdo e pela complexidade da aquisição do registro escrito do português.

APRESENTAÇÃO DO CORPUS E ANÁLISE

Postagem 1

DATA DA POSTAGEM	HORÁRIO DA POSTAGEM	POSTAGEM
12 de junho de 2015	9h48min	Namorando 12dia hoje amor G. Cristiane V. Alves
DATA DO COMENTÁRIO	HORÁRIO DO COMENTÁRIO	COMENTÁRIO
12 de junho de 2015	10h18min	Feliz namorado já hoje graciele e Vitor parabéns senhor brilhar trocar ética a deus.

No que se refere aos aspectos tecnológicos da postagem, percebe-se a utilização de recursos disponibilizados pelo *Facebook*,

quando se grifam os nomes G. Cristiane e V. Alves. O registro para este estudo foi alterado, para que se mantenham a confidencialidade dos atores, porém, mantido o grifo dado aos nomes na postagem original, nota-se claramente que o indivíduo surdo domina a tecnologia que lhe permite a exposição. Essa observação deve ser acrescida a outro dispositivo tecnológico da própria rede social: a data e o horário da postagem. Esses dois registros não são iniciativas dos atores, simplesmente, fazem parte da arquitetura dos conteúdos das postagens realizadas no site.

Sobre os aspectos linguísticos, podem-se observar alguns fatores estruturais e gramaticais da língua portuguesa. A frase *Namorando 12dia hoje amor G. Cristiane V. Alves* revela a noção temporal de continuidade dada pelo uso do gerúndio do verbo namorar. Ainda há explícito outro conhecimento: o valor semântico das palavras grafadas. A palavra amor revela o sentimento que se mantém pelo uso do gerúndio do verbo namorar, no dia 12. A palavra *hoje* surge como marcação temporal que expressa um valor pragmático de importância da data.

Essa postagem foi motivada, obviamente, pelo dia dos namorados, 12 de junho. O enunciador sabe que nessa data precisa declarar seu amor à sua namorada. Como participa do *Facebook*, reproduz uma prática comum entre os *internautas* de comemorações de datas especiais com textos autorais publicados nesses espaços.

Não obstante os problemas na estrutura sintática frasal, é possível que a maioria dos leitores surdos compreendam perfeitamente o texto publicado. O processo de decodificação, item básico para a condição de leitura, provavelmente, acontece com naturalidade, haja vista os comentários que recebem ditas postagens. Vale ressaltar aqui que estamos tratando, exclusivamente, de postagens publicadas e lidas por pessoas surdas sinalizadoras.

O comentário *Feliz namorado já hoje graciele e Vitor parabéns senhor brilhar trocar ética a deus* interage de forma bastante coerente com a postagem. Deseja “feliz dia dos namorados” e pede

as bênçãos de Deus para o casal. O contexto promove a possível compreensão, entretanto, a expressão *trocar ética* parece que foi usada inadequadamente, talvez confundidos os vocábulos. O restante da frase é perfeitamente compreensível, inclusive, a evidência da palavra *brilhar*, que se relaciona à luz de Deus, pela proximidade da palavra *senhor*.

Se consideramos a escrita normatizada da língua portuguesa, vemos que as estruturas são burladas e agredidas, com a presença de outra lógica de construção. Simplesmente chamar de erro não considera a pragmatolinguística impressa nessas comunicações. A língua se oferece à comunicação. Os surdos lançam mão do código disponível, que lhes foi oferecido por uma escolarização deficiente, porém, a codificação e decodificação acontecem de forma relativamente tranquila. Percebamos que não há na interação nenhum estranhamento. O enunciador não causa no coenunciador um estranhamento pela organização que dá à frase.

Postagem 2

DATA DA POSTAGEM	HORÁRIO DA POSTAGEM	POSTAGEM
30 de junho de 2015	19h30min	Ancheita hoje loda porigoso poscilali noite norre 8 hora avisao
DATA DO COMENTÁRIO	HORÁRIO DO COMENTÁRIO	COMENTÁRIOS
30 de junho de 2015	20h48min	errado falta loda =lado ,porigoso =perigoso ,avisao=aviso nao entendi nada escreveu vitor meu amigo melhor mas gra-ciele evitor amor fé fiel ...
30 de junho de 2015	22h02min	Quer ajuda fazer vídeo libras eu ajudo português ok! Chama bate papo ok!

Com esta postagem, pretendemos mostrar que há limites para a decodificação, mesmo de um código marginal. A variável, se é que assim podemos chamar, impõe determinados limites à compreensão. Neste caso, o enunciador burla o aceitável ou tolerável das questões ortográficas, sintáticas e semânticas da suposta “variável surda” da língua portuguesa. Observa-se, pelas interações (comentários do *Facebook*), que os interlocutores surdos não acordam quanto ao registro apresentado pelo enunciador: o primeiro comentário tenta reescrever as palavras, propondo uma reorganização ortográfica em algumas palavras. Tenta refazer o percurso da produção escrita, mas percebe que refazer a ortografia não é suficiente para decodificar a mensagem, então, como num ato de desistência, afirma não ter entendido nada do que havia escrito seu amigo Vítor. Em seguida, reafirma a sua amizade e admiração pela união de Vítor e Graciele, de quem é amiga. É como se estivesse enviando a mensagem de que, mesmo sem que o amigo saiba escrever e mesmo que ela não consiga ajudar nessa escrita, o que prevalece é a amizade que tem pelo casal amigo. O elemento adversativo mas revela isso.

Então, o que propomos aqui é a percepção de que pode haver uma variável do português escrito codificada e decodificada por surdos sinalizadores, expressa em ambientes livres de normatividade, que, embora bastante distante das bases de coesão e coerência conhecidas por qualquer falante da língua portuguesa, letrado ou não, possui limites expressos em bases muito mais ortográficas e semânticas que sintáticas. A organização frasal não se preocupa com a questão coesiva em que se organiza a língua. Está muito mais preocupada com a produção ortográfica de unidades que se sobrepõem, compondo o sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Está claro que apenas duas postagens não constituem *corpus* suficientemente consistente para comprovar a tese de que há uma variante do português, estabelecida por surdos sinalizadores nas redes sociais – espaços livres de coerção normativa – sendo construída e validada pela comunidade de surdos sinalizadores, usuários da Libras, Língua Brasileira de Sinais. Entretanto, como estudo qualitativo, não pretendemos apresentar números estatísticos que por incidência faça tal comprovação. Trata-se, somente, de exemplificação daquilo que foi abordado neste estudo e, nesse sentido, duas postagens e respectivas interações comunicativas nos direcionam à percepção e nos proporcionam reflexões acerca da tese aqui levantada. Após as leituras e levantamentos das postagens em diversas páginas do *Facebook*, pudemos observar que o contrato de comunicação, como mostrado por Charaudeau (1983), está efetivamente acordado entre os atores da cena enunciativa. Podemos entender o conceito de contrato, segundo Charaudeau, como um acordo no qual são reconhecidas algumas condições acordadas pelos participantes nas trocas linguageiras.

O que impera no contrato de comunicação é um acordo tácito, no qual os envolvidos sabem como devem agir em determinada situação sem precisar ler determinadas regras ou escutar conselhos de alguém. É exatamente isso que acontece nos espaços das redes sociais, entre os indivíduos surdos sinalizadores: a comunicação se dá entre sujeitos de um mesmo grupo cultural. As trocas fazem parte de uma lógica distinta das observadas entre indivíduos ouvintes. A partir do conceito de despatologização da surdez, percebemos que os sujeitos assumem, junto a seus pares, considerando a formação de grupos culturais distintos, com língua própria, papéis de protagonistas de seus destinos, de suas vidas. Nessa posição da cena enunciativa, esse sujeito tende a resolver suas questões, entre elas a linguística e a pragmática. A enunciação, segundo Bakhtin (1997), é o resultado da interação de dois sujeitos inseridos num

contexto social organizado. O contexto organizado é a própria rede social que promove ao indivíduo ferramentas que o instrumentalizam para a comunicação; a interação é o objetivo humano de que trata Bakhtin (1997) pelo conceito de dialogismo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, EOC. *Leitura e surdez: um estudo com adultos não oralizados*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

AMOSSY, R. O Ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, Sociologia dos Campos. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no Discurso: a Construção do Ethos*. São Paulo: Contexto. 2005.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 1997

CHARAUDEAU, P. *Langage et Discours: Eléments de sémiolinguistique*. Paris: Hachette, 1983.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

JOUBE, V. *A leitura*. Tradução de Brigitte Hervott. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 1989.

MAINGUENEAU, D. *A cena enunciativa em Análise do Discurso*. 3. Ed. Campinas: Pontes/Ed. Unicamp, 1997.

MAINGUENEAU, D. Ethos, Cenografia, Incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no Discurso: a Construção do Ethos*. São Paulo: Contexto: 69-92. 2005.

ORLANDI, E.P. *As Formas do Silêncio no Movimento dos Sentidos*. Campinas/SP: Unicamp, 1997.

ORLANDI, E.P. Do sujeito na história e no simbólico. In: *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, p.99-108. 2001.

ORLANDI, E.P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, E.P. *Discurso e leitura*. Campinas, SP: Pontes, 2012.

SKLIAR, C. (org.). *Educação e exclusão: abordagens socioantropológica em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SKLIAR, C. (org.). *Atualidade da educação bilíngue para surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

VYGOTSKY LS. *Fundamentos da defectologia*. Ciudad de La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1989. (Obras completas).

VYGOTSKY LS. *Pensamento e linguagem*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes; 1999.

VYGOTSKY LS. *A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.